

16

CAPÍTULO

POSICIONAMENTO AXIOLÓGICO DO SUJEITO AUTOR EM SERMÕES RELIGIOSOS

UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Pedro Farias Francelino

INTRODUÇÃO

No processo da interação socioverbal, a produção dos mais diversos tipos de enunciados está diretamente relacionada à esfera discursiva na qual o sujeito enunciador está inscrito. Este, por sua vez, comunica-se em uma cadeia ininterrupta de enunciados e essa interlocução dá-se de forma dialógica, ou seja, este indivíduo está, inerentemente, em permanente e constante diálogo com o que já foi dito e o que ainda está para se dizer acerca de determinado objeto discursivo.

Neste artigo, propomo-nos a analisar o posicionamento axiológico do sacerdote cristão na pregação religiosa em dois contextos enunciativos diferentes (missa e culto), procurando observar como esse sujeito se constitui autor de seus enunciados no exercício dessa atividade enunciativa.

Para essa tarefa analítica, na leitura dos enunciados, pautar-nos-emos pelo enfoque enunciativo/discursivo depreendido dos escritos filosófico-linguísticos de Bakhtin (2011, 2015). Vale ressaltar que, devido à extensão e complexidade do aporte teórico e à natureza do objeto de estudo e dos dados para análise neste recorte, e, ainda, por questão de tempo e de espaço, delimitamos alguns conceitos a serem abordados na apresentação teórica e na análise, lembrando que a segmentação dos conceitos tem efeito meramente didático, considerando a inextrincável relação que mantêm entre si no escopo do conjunto teórico. Dentre os vários conceitos, destacamos os de enunciado, gênero discursivo, expressividade, entonação/tom emotivo valorativo, dentre outros que poderão ser convocados à leitura dos enunciados selecionados.

Este artigo está dividido em duas seções. Na primeira, apresentamos alguns conceitos da Teoria da Enunciação proveniente dos escritos de Bakhtin e Volochínov, bem como a noção de autoria que norteará a análise do enunciado. E na segunda, apresentaremos uma leitura dialógica dos enunciados que compõem o *corpus* deste trabalho.

ENUNCIADO/ENUNCIÇÃO, SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE

A ideia de posição axiológica do sujeito falante pode ser verificada expressamente em vários dos escritos de Bakhtin e de Volochínov. Como não é possível proceder a um levantamento mais detalhado e demorado do conceito no conjunto de textos, optamos por delimitar alguns deles, principalmente aqueles em que aparecem termos relacionados (como entonação, tom emotivo-volitivo, tom apreciativo, compreensão responsiva, dentre outros).

No ensaio de 1952-1953, intitulado “Os gêneros do discurso”, mais precisamente na segunda parte, Bakhtin (2011) desenvolve uma reflexão acerca da natureza do enunciado, considerando-o como unidade da comunicação discursiva, em oposição à natureza da oração, entendida como unidade da língua e, por isso mesmo, desprovida de alguns caracteres indispensáveis à interação socioverbal, que só se efetiva por meio de enunciados concretos.

Nesse texto, um dos princípios fundamentais da concepção de linguagem apresentada pelo autor é a noção de compreensão responsiva ativa, que diz respeito à condição de *respondente* do falante, isto é, a sua inerente predisposição para responder a enunciados já produzidos e aqueles suscitados a existir. Assim, o falante não é um ser passivo, que apenas ouve/lê/vê o que outro fala/escreve/mostra,

mas, sobretudo, que compreende, no sentido de que não passa ileso no colóquio verbal, mas que adota para com esse outro e seus enunciados uma postura responsivo-responsável.

O enunciado, para Bakhtin (2011), apresenta três particularidades específicas que o caracterizam como tal: a alternância dos sujeitos falantes, a conclusibilidade específica do enunciado e a relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva. Para atender aos objetivos de nosso recorte, centraremos a atenção na terceira particularidade, por entender que ela fundamenta mais consistente e precisamente a forma como o sujeito se relaciona com outros por meio da linguagem, imprimindo em seus enunciados uma dimensão valorativa que define os interlocutores como autores únicos e singulares daquilo que dizem. Antes, porém, vejamos o que Bakhtin (2011) afirma acerca das duas primeiras particularidades.

A alternância dos sujeitos falantes concerne à natureza limítrofe de cada enunciado concreto, isto é, na comunicação discursiva, seja ela de que natureza for, o falante sempre conclui seu enunciado e cede lugar à palavra do outro, num movimento de alternância que permite a interação entre duas instâncias valorativas, isso desde o diálogo face a face até construções mais complexas, como obras científicas, artísticas etc.

A segunda particularidade do enunciado – a sua conclusibilidade específica – diz respeito a seu acabamento relativo, ou seja, numa situação de comunicação discursiva, o falante conclui seu dizer (relativa e temporariamente) para que seu interlocutor tenha a possibilidade de resposta e assim estabeleça sua compreensão responsiva ativa. Essa segunda particularidade tem extrema relação com a primeira, uma vez que sem o acabamento relativo/temporário não há espaço para a alternância dos sujeitos falantes.

A conclusibilidade do enunciado, para Bakhtin (2011), é determinada por três fatores: a exauribilidade do objeto e do sentido; o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; e as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento. O primeiro concerne ao fato de que o objeto de discurso (aquilo de que se fala) está no horizonte discursivo de seu autor, ou seja, é delimitado pelo enfoque de abordagem do autor, que lhe confere um caráter esgotável, relativamente concluído na situação precisa de enunciação, embora ele não o seja no imenso fluxo da comunicação verbal. O segundo versa sobre a intenção discursiva do autor, que preside todas as suas escolhas, como a definição do objeto de discurso, as formas do gênero e da língua nas quais o seu enunciado será materializado. Por fim, as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, fator que diz respeito à própria escolha do gênero de discurso a partir do qual o sujeito realizará seu projeto enunciativo.

A terceira particularidade do enunciado, que nos interessa especificamente por fornecer elementos para tratar do posicionamento axiológico, diz respeito à relação do enunciado com o falante e com seus interlocutores. Ao tratar desse aspecto, Bakhtin (2011, p. 289, grifo nosso) já adianta um princípio fundamental dessa formulação, ao postular que “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. *É a posição ativa do falante* nesse ou naquele campo do objeto e do sentido.” Segundo o autor, o enunciado, em si mesmo, já é a expressão de um ponto de vista acerca de um objeto de discurso, a instauração de uma posição valorativa que se manifesta em diferentes materialidades semióticas do enunciado, dentre elas a materialidade linguística, conforme ele mesmo afirma:

A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo. (BAKHTIN, 2011, p. 289, grifo nosso).

Essa relação valorativa é marcada nos elementos linguísticos e composicionais do enunciado, deixando entrever as inúmeras reações que definem a consolidação do projeto enunciativo de seu autor. Nesse sentido, não há como ocultar a dimensão emotivo-volitiva que envolve todo esse processo, conforme demonstraremos na leitura dos dados do *corpus*.

Na análise do sermão religioso oral (assim como em enunciados orais de outras esferas, como a política, por exemplo), é ainda mais imperativo considerar os aspectos entonacionais, uma vez que o sujeito imprime em seu dizer os tons emotivo-volitivos que colorem o seu posicionamento axiológico. E essa valoração, conforme propõe essa terceira particularidade do enunciado de que falamos, estabelece-se mediante a interação com os enunciados de outrem, conforme esclarece Bakhtin (2011, p. 294, grifos do autor):

(...) a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.

Conforme as palavras do autor, em nossos enunciados, firmamos nosso ponto de vista, nossa apreciação avaliativa na (in)tensa interação com as palavras de outrem, com as quais travamos relações as mais variadas, seja de concordância/

discordância, (in)satisfação, (des)acordo, (des)agrado, crítica, sarcasmo etc. Segundo Bakhtin (2011, p. 297), “É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva”.

Outro ensaio instigante de Bakhtin em que podemos vislumbrar proposições acerca da posição valorativa do sujeito é “O discurso no romance”, texto escrito na década de 1930 e que faz parte de sua Teoria do Romance. Nele, Bakhtin elabora uma reflexão acerca da natureza do gênero romanesco, concebendo-o como arte verbal, na contramão do que propunha a estilística de sua época, que relegava o romance aos gêneros retóricos e que, para sua análise, aplicava as mesmas categorias empregadas no estudo da poética. É nesse contexto que Bakhtin desenvolve sua investigação, mostrando a natureza heterodiscursiva desse gênero em sua complexa configuração composicional e estilística.

Na segunda parte do ensaio, intitulada “O discurso na poesia e o discurso no romance”, é possível constatar, em muitas e claras formulações, a concepção dialógica do enunciado romanesco, princípio extensivo, conforme entendimento dos estudiosos dos escritos de Bakhtin, a outros tipos de enunciados, e não apenas aos de natureza estética. Diferentemente do que acontece no discurso poético, para Bakhtin, o romance constitui um tipo de enunciado marcado pela heterogeneidade, pela pluralidade e diversidade de discursos, isto é, de pontos de vista, de visões de mundo, conforme ele mesmo afirma (2015, p. 48, grifos nossos):

Ora, todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externa- dos a seu respeito. *Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos.*

A afirmação acima demonstra que os enunciados são sempre a expressão de um ponto de vista e que já chegam até nós saturados das valorações de outros falantes, sendo, nesse sentido, impossível fugir à condição de respondente ativo. Eles passam por diversos e complexos movimentos no fluxo da comunicação discursiva, entrelaçando-se com uns, duelando com outros, de modo que toda a sua organização composicional e estilística reverbera toda essa movência e plasticidade desde os estratos mais elementares da língua (sintáticos e semânticos) em que se realizam.

Essas proposições adquirem maior robustez na quarta parte do ensaio, dedicada à reflexão sobre “O falante no romance”. Nessa seção, Bakhtin discute as formas de representação do discurso de outrem no romance, chamando a atenção para o papel da pessoa que nele fala. Há várias formulações que nos interessam para evidenciar como o sujeito instaura seu posicionamento axiológico nos enun-

ciados; contudo, devido o curto espaço, destacamos apenas dois fragmentos do pensamento do autor que são elucidativos de nossa proposta e necessários à leitura/análise dos dados. No primeiro, Bakhtin (2015, p. 132, grifo nosso) afirma:

(...) no discurso do dia a dia de qualquer pessoa que tem vida social, ao menos metade de todas as palavras que ela pronunciou são palavras alheias (apreendidas como alheias), *transmitidas com todos os diversos graus de precisão e imparcialidade (ou melhor, parcialidade)*.

Observamos, nesse excerto, não apenas o fato de que o discurso/enunciado é dialógico e que está sempre orientado para o outro, mas, sobretudo, que ele é sempre saturado das valorações/tons apreciativos/visões de mundo da instância enunciativa que o produz, de modo que não há imparcialidade do sujeito. Reportando-nos a outro escrito de Bakhtin (“Para uma filosofia do ato”, escrito em 1919), diríamos que o sujeito não tem alibi na existência e que ele é responsivo e responsável por seus atos, entre os quais estão os atos de enunciação/discurso.

Por fim, para dar uma conclusibilidade a essas considerações sobre o posicionamento axiológico, afirmamos com Bakhtin que nossos enunciados, quando em interação com os discursos de outrem, sempre criam um fundo aperceptivo para o abrigo do discurso alheio, a partir do qual é possível moldar esse discurso recebido e imprimir-lhe os acentos em conformidade com a conveniência do autor, dependendo dos propósitos de seu projeto enunciativo. Em outras palavras, como diz Bakhtin (2015, p. 155),

A palavra do autor, que representa e emoldura o discurso do outro, cria para este uma perspectiva, distribui sombras e luz, cria a situação e todas as condições para que ele ecoe, por fim penetra nele de dentro para fora, insere nele seus acentos e suas expressões, cria para ele um campo dialogante.

A partir das ideias esboçadas aqui, é possível compreender que nossos enunciados estão sempre repletos de valorações, de tons apreciativos, de forma que a palavra nunca é neutra ou alheia às avaliações da instância enunciativa. Embora as formulações produzidas por Bakhtin nesses textos evocados sejam resultantes de suas reflexões acerca do discurso estético, é consensual que tais teses são possíveis na análise de qualquer manifestação discursiva, confirmando, assim, a natureza e o caráter dialógicos da linguagem. Dito isto, passemos a breves considerações sobre a noção de autoria que está na base da análise dos enunciados selecionados.

Francelino (2007) desenvolve uma concepção de autoria fundamentada na concepção de linguagem e de sujeito apresentada por Bakhtin e o Círculo no conjunto de seus escritos. Para isso, analisa um *corpus* constituído de aulas ministradas no ensino superior, documentadas no âmbito do Projeto NURC/Recife (v. 2, Elocuções

Formais). O autor evidencia como o sujeito se constitui na/pela linguagem, representando-se como autor dos enunciados que produz, como uma instância produtora de sentido (s). Para isso, propõe três domínios a partir dos quais o sujeito formula seus dizeres: o enunciativo, o discursivo e o linguístico. A partir daí, aponta princípios e características do processo autoral, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1 – Princípios e características da autoria

Autoria: domínio linguístico-enunciativo-discursivo
Princípios
1° O autor é uma instância individual que se constitui na alteridade
2° O autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo
Características
1. O autor atribui um fim provisório ao enunciado
2. O autor se manifesta nas variações que o gênero sofre no decorrer do processo enunciativo
3. O autor realiza um trabalho de seleção/cominação lexical no plano linguístico da enunciação

Fonte: Francelino (2007).

Em relação ao primeiro princípio, o autor é um sujeito singular, único, mas que só se constitui como tal em função da alteridade que lhe funda, isto é, todos os seus enunciados se banham no imenso fluxo da atividade verbal em que o outro está, necessariamente, presente. O segundo princípio, por sua vez, também diz respeito a um aspecto inerente à posição de autor, que é o fato de este sempre *partir de* e *dirigir-se* a alguém, que vai desde o interlocutor virtual, aquele que está no horizonte discursivo do autor, quanto o interlocutor real, concreto, presente na interação face a face.

No que concerne às características da autoria, recorremos a alguns postulados da própria noção de gênero discursivo. Na primeira, compreendemos o autor como aquele que atribui, provisoriamente, um fim ao enunciado, considerando que este é sempre aberto, podendo suscitar réplicas, entonações, posições axiológicas, a depender dos elementos do contexto enunciativo, como a esfera discursiva, o projeto enunciativo do autor, dentre muitos outros.

A segunda característica concerne ao fato de o autor poder imprimir ao gênero discursivo certas nuances que o tornam flexível, instável. Não postulamos aqui que o sujeito tenha, ele próprio, sozinho, poder de modificar o gênero, alterando sua configuração linguístico-enunciativo-discursiva, mas, no processo enunciativo, a depender do contexto comunicativo e do projeto enunciativo, o gênero pode sofrer certas variações por parte do autor.

Por fim, a terceira característica diz respeito às escolhas linguísticas operadas pelo autor para a formulação de seus enunciados. A língua coloca à disposição do sujeito um arsenal de formas que ele poderá utilizar a serviço de seu projeto enunciativo, sendo isso o que configura, na nossa concepção de autoria, o trabalho do autor com a língua, considerada aqui como viva, concreta, real.

Com base nessas considerações sobre autoria e nas formulações bakhtinianas acerca da posição valorativa do sujeito nos enunciados que produz, passemos à leitura dialógica dos sermões selecionados para esta pesquisa.

A CONSTRUÇÃO DO POSICIONAMENTO AXIOLÓGICO NO SERMÃO RELIGIOSO

O enunciado a ser analisado é um sermão produzido em contexto católico-cristão, pelo enunciador Frei Rogério Soares, em missa realizada no dia 06/08/2013, na Paróquia Nossa Senhora da Luz, em Salvador, Bahia. O sermão foi coletado na página da instituição na internet, no endereço eletrônico <<http://nossasenhoraluz.org/>>. O texto bíblico usado como base para a exposição do sermão foi o Evangelho de S. Lucas, capítulo 17, versículos de número 5 a 10. Para a análise, recortamos o fragmento do enunciado do intervalo compreendido entre os 20'08" e 25'26" (vinte minutos e oito segundos e vinte e cinco minutos e vinte e seis segundos). Os destaques (em itálico) são nossos, para fins de realce do fato discursivo em análise.

(...) o que faz mais as pessoas questionarem sobre ... sobre Deus acerca de Deus ou colocar em xeque a sua ação no nosso meio são as injustiças. São muitas as injustiças que existem no mundo desde sempre nós sabemos que nos surpreende se muitas coisas são mistério, as injustiças também são mistério. A gente se pergunta: por que, por que tanta maldade? Por que perversidade? Por que ainda insiste em fazer parte da humanidade? Por que a gente não consegue se redimir de todas essas coisas? Aí a gente ...começa a tomar contato de muitas situações injustas, sobretudo no nosso país. *Quantas injustiças a gen ... a gente percebe, a gente vê. Pessoas que deveriam estar presas e não estão, políticos que foram julgados daqui a pouco se ganha mais um tempo pra fazer mais não sei o quê já poderia estar na cadeia definitivamente porque está claro pela ação está clara. Aí a gente tem que suportar, suportar sem dizer nada, sem poder fazer nada, porque tem alguém decidindo por a gente, coisas injustas. Outro que fica preso na cadeia e ainda é deputado, ainda está legislando, né, a partir de uma situação de ... de prisão. E a gente não pode fazer nada! Tem que suportar tantas injustiças depois, quantas pessoas que passam fome e a gente diz: por quê? Tem tanto, se produz tanto. Só no Brasil são 14 milhões de pessoas que ainda não têm dignidade, ou seja, a comida, que é o básico, fora outras coisas, imagina né? Aí isso leva as pessoas a perguntar: on ... onde estás, ó Deus? Tu olhas para isso, vê essa injustiça.*

O enunciador, nesse fragmento, aborda a temática da injustiça em relação ao aspecto da corrupção na esfera política. Inicialmente, o autor conduz a exposição sobre o tema numa dimensão mais geral, mais ampla, como algo presente em todo o mundo. Ainda nesse início de fragmento, o autor formula perguntas retóricas (e isso é bem recorrente no discurso religioso), de cunho complexo, como estratégia para prender a atenção dos interlocutores (no caso, os fiéis). Em seguida, há uma delimitação espacial, por parte do sujeito autor, ao focar a problemática da injustiça no contexto brasileiro, a partir do qual construirá sua argumentação.

No excerto em destaque, podemos constatar a relação valorativa do autor com o seu objeto de discurso, ao referir, em tom de indignação e de revolta, sua compreensão responsiva ativa concernente à injustiça decorrente da corrupção praticada por agentes políticos. No fragmento “Pessoas que deveriam estar presas e não estão, políticos que foram julgados (...) já poderia estar na cadeia definitivamente porque está claro pela ação está clara”, o autor não apenas constata uma situação, mas o faz mediante a expressão de um ponto de vista marcado por acentos apreciativos que evidenciam sua expressividade e, conseqüentemente, seu estilo individual. Notemos que o advérbio “definitivamente” fixa no enunciado um tom emotivo-volitivo de inconformismo com a situação vivenciada. A expressão “estar na cadeia definitivamente” reporta-se, dialogicamente, a enunciados da esfera jurídica, uma vez que se espera que um sujeito julgado pela lei seja punido por seus crimes, o que, na visão do autor, não acontece.

Outro excerto valorado nesse enunciado é “outro que fica preso na cadeia e ainda é deputado, ainda está legislando, né, a partir de uma situação de ... de prisão. E a gente não pode fazer nada! Tem que suportar tantas injustiças.” Para que esse enunciado faça sentido, sobretudo porque ele já mantém uma relativa distância temporal de aproximadamente quatro anos, é preciso recuperar outros enunciados reportados nessa materialidade linguística. Referimo-nos a um acontecimento ocorrido em 2013, no período de emergência desse enunciado, quando o deputado federal Natan Donadon (ex-PMDB-RO) foi condenado pelo STF (Supremo Tribunal Federal) e preso por dois meses, mas teve seu mandato mantido por decisão da Câmara dos Deputados. Nesse sentido, notamos que o enunciado do sacerdote estabelece relação dialógica com outros enunciados produzidos na época, quando a imprensa nacional noticiou fartamente esse caso como bem pontuou Bakhtin (2015, p. 49),

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas ideológicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social.

No fragmento em análise, o posicionamento axiológico do sacerdote é construído a partir de sua relação com os enunciados de outrem, no caso, de uma ou mais notícias acerca do evento concreto (fato) ocorrido (a prisão e a manutenção do mandato do parlamentar); nesse caso, o tom apreciativo dominante é, novamente, o da indignação, da revolta, do inconformismo acompanhado do senso de impotência diante da situação (“E a gente não pode fazer nada! Tem que suportar tantas injustiças.”). Certamente, a posição social que esse sujeito ocupa (sacerdote católico), a situação enunciativa que vivencia (missa), os interlocutores envolvidos (os fiéis), dentre outros aspectos do quadro discursivo, são vetores determinantes da expressividade que resulta na seleção lexical e estilística aí posta, que poderia, inclusive, se fosse em outro contexto, apresentar um tom mais agressivo, rude ou até mesmo vulgar.

Já caminhando para a parte final do recorte do enunciado, novamente reportando-se a enunciados de outrem, o autor estabelece sua posição valorativa em relação à temática da injustiça (“Depois, quantas pessoas que passam fome e a gente diz: por quê? Tem tanto, se produz tanto. Só no Brasil são 14 milhões de pessoas que ainda não têm dignidade, ou seja, a comida, que é o básico, fora outras coisas, imagina né?”). Dessa vez, o autor recorre a um discurso de autoridade, ao trazer dados numéricos (14 milhões) para firmar e consolidar seu ponto de vista segundo o qual o país padece de problemas sociais sérios, como a fome, que ainda atinge, segundo ele, um número muito expressivo de cidadãos.

O tom emotivo-volitivo de indignação e de crítica novamente aparece em expressões como “*tem tanto, se produz tanto*”, isto é, parece inconcebível o paradoxo estabelecido a partir do presumido (para usar um termo de Volochínov (1926)) segundo o qual um país rico em produção de bens alimentícios tenha ainda um número significativo de pessoas que passam fome. Nesse caso, não é possível apontar especificamente a qual (is) enunciado (s) ele se reporta, mas é significativo o uso da estratégia do discurso de autoridade, uma vez que normalmente não é contestada por se tratar, nesse caso, de um dado numérico, objetivo e, ainda, da palavra de um sacerdote.

Assim, a leitura do enunciado demanda o conhecimento e o compartilhamento de uma rede de enunciados com os quais o autor estabelece relações diversas e os quais acentua com diferentes matizes axiológicos. Qualquer tentativa de análise de um enunciado sem se considerar o contexto socioverbal da situação que o engendrou tende ao monologismo, isto é, a um apagamento/silenciamento de suas vozes constitutivas, considerando que

(...) em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilattes e latentes, de diferentes graus de alteridade. (BAKHHTIN, 2011, p. 299)

Por fim, nas últimas linhas desse fragmento em análise, o autor retorna ao acento apreciativo empregado no início da formulação de sua ideia: “Aí isso leva as pessoas a perguntar: on ... onde estás, ó Deus? Tu olhas para isso, vês essa injustiça.” Nessa parte do enunciado, o autor novamente emprega pergunta retórica com o intuito discursivo de conduzir o fiel a uma reflexão acerca da situação de injustiça já apresentada por ele e da posição divina em relação a tudo isso.

Vale ressaltar que a construção do posicionamento axiológico nesse pequeno excerto dá-se, considerando a memória discursiva do falante, mediante a mobilização de vozes constitutivas desse enunciado, como bem afirmou Bakhtin (2011, p. 297): “Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.” O trecho destacado no fragmento em análise nos faz lembrar o tom emotivo-volitivo dos escritores dos Salmos (livro da Bíblia Sagrada), quando em suas orações, muitas vezes, questionavam Deus acerca de situações adversas pelos quais passavam.

O outro enunciado a ser analisado é o sermão proferido por um Pastor Protestante, em um contexto de culto evangélico, cujo tema foi “o novo nascimento para o cristão”. Observemos o fragmento seguinte:

Jesus diz assim a Nicodemos, vocês se lembram disso: “Nicodemos, necessário é nascer de novo.” Só que Nicodemos não era um zé mané qualquer, nem era um ateu, nem era, digamos, um budista, Nicodemos era um judeu, sabe, fervoroso, era um homem do templo, um homem da lei (...)

Jesus disse: “Nicodemos isso não me importa” ... “Não importa onde você nasceu, quem lhe batizou”. Escute, diz Ele: “Você tem que nascer de novo”. Aí Jesus diz assim: “Nicodemos, porque, quem não nascer de novo não entra no reino de Deus.” Nem vai pro céu porque é pentecostal, porque é carismático, porque é assembleiano, porque é da batista, porque é presbiteriano, porque é católico, porque é espírita. Essa visão infantil, irmãos, é de quem não conhece a Bíblia.

O primeiro fragmento começa com uma remissão literal a um texto da Bíblia Sagrada, isto é, o autor recupera na íntegra a afirmativa de Jesus acerca do comportamento de um contemporâneo seu, mestre de lei, chamado Nicodemos, membro do Sinédrio (espécie de corte da época), com quem Jesus estabelece um diálogo acerca de um dos principais temas do cristianismo, que é o do novo nascimento. Contudo, essa retomada *ipsis literis* do texto bíblico é imediatamente seguida de uma atitude valorativa do autor, inclusive em tons emotivo-volitivos depreciativos, considerando que, pelo recurso da negação, estabelece uma escala hierárquica da qual o personagem não poderia fazer parte (nem x, nem y, nem z ...).

A primeira delas da ordem hierárquica, “zé mané”, apresenta um caráter jocoso, encabeçando a lista dos termos designativos inapropriados para nomear

o personagem. Uma consulta aleatória e simples ao sentido da expressão “zé mané” nos traz o seguinte: “Sujeito desprovido de razoável intelecto e capacidade mental, para discernir e avaliar as situações do dia-a-dia.” (<http://www.dicionarioinformal.com.br/z%C3%A9%20man%C3%A9/>). Nesse sentido, a intenção do autor é mostrar a condição necessária, segundo a perspectiva bíblica, cristã, para se obter a salvação. Para isso, o autor apela para a identidade do sujeito Nicodemos, só que o faz a partir de um tom apreciativo que põe em posições diferentes a condição religiosa do ouvinte em potencial (“(...) nem era um ateu, nem era, digamos, um budista, ...)

No fragmento seguinte, o autor novamente expressa seu ponto de vista acerca do tema ao convocar para seu enunciado nomes de denominações da religião protestante, além do registro das religiões católica e espírita, para mostrar que há uma pressuposição, por parte desses segmentos religiosos, de que cada uma delas é que aponta o verdadeiro caminho para o novo nascimento. Esse posicionamento axiológico é finalizado, nesse excerto, com o uso do adjetivo “infantil”, com o qual o autor afirma que não é a identidade religiosa a condição para ‘nascer de novo e entrar no céu’, mas o conhecimento de Deus mediante o conhecimento da Bíblia. É possível constatar, na entonação do autor, os índices axiológicos da luta/arena estabelecida com vozes cuja materialidade não aparece literalmente, mas é presumida. Vejamos esse aspecto ainda no fragmento a seguir:

Agora, olhe bem pra mim, esse nascer de novo é transformador, nos faz diferentes, não nos faz menos humanos, mais desumanos, não nos faz anjos nem arcanjos, nem santarrões da terra, nem nos faz hipócritas ou religiosos, nos faz diferentes pelo testemunho de vida. Uma pessoa não é mais santa, menos santa pelo tamanho do cabelo, porque se usa brinco ou não usa brinco, essas coisas fazem parte das paranoias humanas que manipulam o comportamento religioso das pessoas. Geralmente líderes manipuladores, que precisam fazer esse controle, não Deus. Não Deus.

Neste fragmento, o autor estabelece uma diferença quanto à compreensão do que seja o ato de “nascer de novo”, que aponta para a ideia de transformação/mudança de caráter, de vida, e o próprio fato de “ser humano”, isto é, estar sujeito a limitações impostas pela própria condição de viver em uma dimensão física, terrena, portanto, oposta à espiritual. Essa distinção é importante para entendermos a posição axiológica do sujeito mediante a seleção de um léxico que mobiliza sentidos produzidos e veiculados nos contextos aos quais ele se reporta.

Em outras palavras, nesse fragmento, está presumida a ideia amplamente difundida em algumas correntes protestantes pentecostais de que o “nascer de novo”, o “ser santo (a)”, implica mudança radical em todas as áreas da vida, inclusive a dos usos e costumes. Nesse sentido, em toda a prática discursiva desses cristãos, há um cuidado com o uso de roupas, que devem ser sempre compridas, bem com-

postas, para não se mostrar o corpo, o que implicaria a ruptura com o padrão de “santidade”; e com o uso do cabelo, que deve ser comprido, sem qualquer tipo de adereço, demonstrando simplicidade, o que aponta para o “ser santo (a)”.

O autor, nesse caso, estrutura seu enunciado em torno de uma formulação irônica, ao reportar-se a esse discurso. Ele utiliza o adjetivo “santarrões”, em um tom valorativo pejorativo, para satirizar os cristãos que adotam esse procedimento quanto ao uso de roupas e de adereços, mas que apresentam um “testemunho de vida” incompatível com os valores que pregam. O pregador, com essa entonação satírica, conclui o fragmento tecendo críticas aos líderes religiosos, considerando “paranoico” e “manipulador” o modo de proceder dos que se pautam por essa forma de compreender o tema em questão.

A análise dialógica dos enunciados recortados aqui evidencia dois aspectos conclusivos com os quais damos um acabamento relativo a essa reflexão:

- i) O discurso do sacerdote é caracterizado pela ambivalência/plurivalência das palavras que constituem o núcleo de seu projeto discursivo, isto é, o uso de determinados termos e expressões extrapola a mera questão designativa e aponta para a construção de um posicionamento enunciativo acerca do tema que aborda. Nesse sentido, verificamos a dinâmica de refração dos pontos de vista e cosmovisões que atravessam seu discurso, os quais são ressignificados à luz da posição axiológica que propõe/impõe a seu auditório, no caso, os fiéis.
- ii) O discurso do sacerdote evidencia, na seleção lexical que opera, os efeitos estilísticos da palavra do outro em sua consciência e, conseqüentemente, em seu discurso, demonstrados mediante a mobilização de tons emotivo-volitivos e entonações apreciativas que demarcam as fronteiras dos pontos de vista em (in)tensa interação dialógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dialógica do enunciado selecionado para esta comunicação deixa entrever a espessura ideológica (na medida em que revela as crenças e valores desse sujeito autor) e dialógica/axiológica (na medida em que revela as vozes – e suas valorações – que compõem esse concerto) de tais enunciados, haja vista as apreciações e posicionamentos desses sujeitos nesse campo de utilização da língua, mesmo considerando que o discurso religioso, tanto para o sacerdote quanto para o fiel, normalmente se caracteriza como palavra autoritária, não muito dada a infiltrações avaliativas por parte do falante.

Verificamos, ainda, que o posicionamento axiológico nesse enunciado é construído mediante a entonação apreciativa que seu autor utiliza para referir seu objeto de sentido, mas isso só é possível pela relação que seu enunciado mantém

com outros na cadeia da comunicação discursiva, a partir do momento que o sacerdote dialoga com o discurso político, valorando-o mediante a assunção de um ponto de vista, no mínimo, não favorável à postura dos agentes políticos em nossa sociedade. Sem essa interação, não haveria sentidos, ou, em outras palavras, não seria possível uma resposta, conforme nos ensina Bakhtin (2011, p. 297, grifo do autor):

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, decerto modo os leva em conta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo:34, 2015.

FRANCELINO, Pedro Farias. *A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa*. 2007. 184f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

MOREIRA DE SÁ et al. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade do Recife: materiais para seu estudo*. Vol. 2 – Elocuções Formais. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

VOLOCHINOV (1926). *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Tradução de de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.